

O exercício cronístico de Cecília Meireles: entre o lirismo e a crítica¹

The exercise on the chronicle of Cecília Meireles: between the lyric and the critic

Karla Renata Mendes²

Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira³

RESUMO

A presente pesquisa procura analisar o exercício cronístico da escritora Cecília Meireles, amplamente conhecida e admirada por sua obra poética, sendo uma das maiores representantes desse estilo na literatura brasileira, mas que possui também uma rica produção em prosa de, aproximadamente, 2.500 crônicas, produzidas entre os anos de 1930 e 1964. Cecília escreveu para jornais como *Diário de Notícias* e *Folha de São Paulo*, tendo ainda narrado muitas de suas crônicas (que só seriam compiladas e publicadas em livros mais tarde) para programas radiofônicos. Além disso, busca-se compreender em maior escala a criação cronística de Cecília, demonstrando que ela não era somente uma escritora de essência subjetiva, voltada ao caráter poético e introspectivo das coisas, mas que também se dedicou a escrever e opinar de forma crítica sobre os aspectos negativos da realidade em que estava inserida.

Palavras-chave: Cecília Meireles. Crônica. Literatura.

ABSTRACT

The present research looks for to analyze the cronístico exercise of the writer Cecília Meireles, widely known and admired for its poetical workmanship, being one of the greater representative of this style in Brazilian literature, but that it also possess a rich production in chats approximately of 2,500 chronicles, produced between the years of 1930 and 1964. Cecília still wrote for periodicals as *Daily of Notice* and *Leaf of São Paulo*, having told many of its chronicles (that they would only be compiled and published in books later) for radiofônicos programs. Moreover, one searches to understand in bigger scale the cronística creation of Cecília, being demonstrated that it was not only a writer of subjective essence, come back to the poetical and introspective character of the things, but that

1 Artigo recebido em 19-8-09. Aprovado em 25-11-09.

2 Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (2007). Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná (2010). E-mail: krmendes@yahoo.com.br

3 Pós-Doutora pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Londrina. Professora-Adjunta na Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro/PR). Professora nos cursos de Letras e Comunicação Social-Jornalismo (Análise do Discurso e Semiótica). Atua nas seguintes linhas de pesquisa: Gênero e Representação; Literatura e Interfaces. E-mail: ninciaborgesteixeira@yahoo.com.br

also it was dedicated to write it and to think of critical form on the negative aspects of the reality where was inserted.

Keywords: Cecília Meireles. Chronicle. Literature.

Introdução

Considerada como “recorte” do cotidiano e registro dos fatos do dia a dia, a crônica é capaz de aproximar mais a literatura da realidade do leitor. Sua estrutura e a forma com que aborda a temática factual podem sofrer variantes, tais como, a narrativa de cunho mais ficcional, que “marcha rumo ao conto”, ou a aproximação da exposição poética, “certo tipo de biografia lírica”. (CANDIDO, 1992, p. 21). Ainda presenciamos a composição da crônica, que, afastando-se um pouco do caráter estritamente ficcional, não se limita a narrar os eventos, mas os julga sob um olhar mais crítico, usando o humor, a ironia ou uma reflexão aprofundada na observação da realidade.

A presente pesquisa procura analisar o exercício cronístico da escritora Cecília Meireles, amplamente conhecida e admirada por sua obra poética, sendo uma das maiores representantes desse estilo na literatura brasileira, mas que possui também uma rica produção em prosa de, aproximadamente, 2.500 crônicas, produzidas entre os anos de 1930 e 1964. Cecília escreveu para jornais como *Diário de Notícias* e *Folha de São Paulo*, tendo ainda narrado muitas de suas crônicas (que só seriam compiladas e publicadas em livros mais tarde) para programas radiofônicos. Procura-se, por meio desta pesquisa, divulgar em maior escala a obra em prosa da escritora, visto que “embora a Cecília cronista seja pouco estudada, suas crônicas consolidam as qualidades de sua poética e apresentam singularidades do gênero que a inscrevem no patamar das melhores cronistas da nossa literatura”. (BALDAN, 2002, p. 130).

Observa-se, ainda, uma necessidade de compreender em maior escala a criação cronística de Cecília, demonstrando que ela não era somente uma escritora de essência subjetiva, voltada ao caráter poético e introspectivo das coisas, mas que também dedicou-se a escrever e opinar de forma crítica sobre os aspectos negativos da realidade em que estava inserida. Os estudos da poética de Cecília Meireles são abrangentes e ajudaram a compreender melhor seu processo de criação e as peculiaridades de sua escrita. Porém, faz-se necessário desvendar um pouco mais as características da cronista, revelar as contribuições que deu para a perpetuação dos fatos ao longo das décadas. A escrita cecilianiana, como lírica ou crítica, representa um recorte da realidade vivida nas décadas de 30 a 60 (século XX), retrata situações que vão desde a trivialidade do dia a dia até a importância dos grandes acontecimentos. Fatos que resistiram

ao tempo e ultrapassaram a brevidade do jornal ou o imediatismo das ondas do rádio, persistindo por meio do exercício literário.

A pesquisa fundamenta-se na hipótese de que as crônicas de Cecília Meireles são notoriamente vistas como uma extensão de sua lírica poética, contendo muitas das características encontradas em seus poemas, como o lirismo, a subjetividade e o tratamento de temas que refletem uma sensibilidade profunda da autora. Tais pontos convergentes, tanto na poética quanto na prosa ceciliana, serão abordados no presente artigo. Todavia, espera-se, também, desenvolver uma segunda hipótese, essa, pautada na perspectiva de que as crônicas de Cecília Meireles têm também uma vertente que trata a realidade a partir de um olhar crítico, irônico, reflexivo. Dessa forma, o exercício cronístico da autora poderia ser dividido em dois momentos: o primeiro, de caráter lírico e subjetivo; e o segundo, mais crítico e objetivo, afastado da emoção de poeta e mais próxima de uma autora engajada com os problemas de seu tempo.

Observa-se que ambos os discursos apresentam literariedade, pelo registro dos fatos do cotidiano transformados em eventos atemporais. Dessa forma, o objetivo do trabalho é demonstrar que a escrita poética de Cecília Meireles deixou marcas em seu discurso prosástico, afinal “o modo lírico pode se manifestar em textos em prosa” (SILVA, 1983, p. 590), porém não a impediu de exercer uma escrita que também foge do lirismo e da introspecção. A autora voltou-se para a realidade e a observou de forma crítica e consciente, deixando entrever, de várias maneiras (dentre elas, principalmente, a ironia), seu espanto e indignação diante de determinadas situações.

O nascimento de um gênero

A crônica deixa transparecer, na própria etimologia da palavra, uma parte de sua essência. Proveniente do grego *chronikós*, a designação sempre manteve correlação com a palavra tempo (*chrónos*), passando pela língua latina. A então *chronica* referia-se a uma compilação de acontecimentos ordenados de forma organizadamente temporal, registros de eventos que tinham como principal finalidade a perpetuação dos fatos, sem qualquer aprofundamento ou comentário interpretativo. Essa forma primitiva de estilo cronístico, atado a um viés historicista, seria substituído no século XIX com a disseminação do jornal e com as influências do ensaio inglês e do folhetim francês, que abriam espaço para a entrada da literariedade em um gênero até então de caráter proeminentemente histórico.

Divulgada com ênfase na França, a crônica seria “importada” para o Brasil e se beneficiaria da difusão da imprensa para aderir ao jornal, tornado-se amplamente cul-

tivada no País e, uma vez expandida, desenvolveria características próprias e independentes das já concebidas para o gênero, tornando-se um produto genuinamente brasileiro, mas ainda carente de aperfeiçoamento literário. Segundo Konzen (2002, p. 28), a obra cronística desenvolvida no Brasil configuraria-se como um “espaço heterogêneo”, já que harmonizaria gêneros diferenciados como o pequeno ensaio, o conto ou o poema em prosa, resultando daí grande parte de sua identidade.

A abertura de espaço ao jornal e a possibilidade de nele serem publicados textos curtos, seria um dos grandes impulsos à crônica brasileira no século XIX; além disso, contribuiriam o trabalho efetivo de escritores que sempre buscaram alcançar uma dimensão poética e literária ao registrar os fatos. Muito do exercício cronístico no século XIX caracterizou-se pelo esforço dos escritores em buscar novas maneiras de tratamento das temáticas, que, cada vez mais, se afirmavam sobre o registro do cotidiano. Era necessário tentar escapar do simples relato dos acontecimentos e personagens em evidência na sociedade, o que tornava a crônica muito mais noticiosa do que literária.

O autor brasileiro que evidentemente ultrapassou o mero comentário do cotidiano, introduzindo na crônica um caráter verdadeiramente literário, foi Machado de Assis, que compôs registros que resistiram à efemeridade dos acontecimentos, graças à prodigiosa interpretação da realidade. Na esteira da construção literária machadiana, destacam-se outros escritores de fundamental importância para a constituição do gênero no passado e no presente, e que ajudaram na ascensão desse gênero como literário.

A crônica escrita por mulheres

Observa-se que no panorama geral da história do desenvolvimento da crônica brasileira, os nomes mais frequentemente lembrados são os de autores como José de Alencar, Machado de Assis, Lima Barreto, João do Rio, sendo, dificilmente, mencionadas escritoras que efetivaram o exercício desse gênero. Isso se deve ao fato de que a história brasileira não possui cronistas de qualidade? Certamente, a resposta é não. O que normalmente pode ocorrer é que esse “apagamento” surja, devido ao fato de as escritoras adeptas da crônica ganharem projeção literária com outras categorias textuais mais consagradas, como o romance ou a poesia, restando às crônicas, muitas vezes, uma posição de escrita marginal.

O ofício cronístico de mulheres, assim como a escrita em geral dessas, passou por períodos de amadurecimento e aceitação do público. Refazendo o percurso da crônica no tocante às escritoras, constata-se que, na literatura brasileira, houve um desenvolvimen-

to tardio do gênero, visto que a produção literária de mulheres, iniciada no século XIX, privilegiava poucos romances e muito mais a poesia. Supostamente em 1914, apareceria na *Revista da Semana* uma das primeiras contribuições femininas ao gênero cronístico. Tratava-se da seção *Cartas de Mulher*, assinadas sob o pseudônimo de Iracema. O espaço na revista abordaria assuntos femininos sob a forma epistolar e que

pela maneira de retratar a época, a diversidade de assuntos e a circunstancialidade permitem-nos incluí-las no gênero crônica. Iracema retrata com seriedade o dia a dia da mulher nos mais diferentes aspectos, criticando, incentivando, defendendo, aconselhando. (Couto, 1992, p. 235-236).

Se Iracema era realmente uma autora ou autor tentando passar-se por mulher, é um mistério sem solução até hoje, já que o verdadeiro nome por detrás do pseudônimo jamais foi revelado. Algumas pistas indicam que a seção estava mesmo sob a responsabilidade de um homem, porém, a dúvida se *Cartas de Mulher* é realmente um dos primeiros escritos cronísticos de autoria feminina permanece.

À parte o episódio, percebe-se que, a partir das décadas de 30 e 40 (século XX), as autoras brasileiras passam a se dedicar com mais ênfase à produção de narrativas curtas, sendo que, em alguns casos, o exercício literário era facilitado pela recente abertura profissional dada às mulheres nas redações de jornais. Dessa forma, o ofício jornalístico de algumas escritoras acabava por aumentar a incidência de textos publicados, e, como esses tinham por exigência a brevidade, indiretamente, incentiva-se a escrita de crônicas e contos.

Outro percalço no registro da história cronística de mulheres foi a dificuldade de delimitar os espaços entre crônica e conto, o que limitou o registro de muitos textos como contos quando, na verdade, suas características eram mais tendenciosas para a crônica. De maneira geral, pode-se afirmar que a escrita de textos curtos introduziu, no universo literário feminino, modificações importantes, visto que contribui para o rompimento de temáticas exclusivas (como as amorosas), e trouxe a literatura para um trabalho mais ao nível da realidade vivida no dia a dia. (COELHO, 1989, p. 7).

A crônica de Cecília Meireles

Entre as escritoras atuantes na produção de crônicas nas décadas de 30 e 60 (século XX), encontra-se a autora Cecília Meireles. Sua estreia na redação de um jornal se deu em 1930, no *Diário de Notícias*, no qual Cecília Meireles era responsável por uma seção diária: a *Página da Educação*. Nesse espaço, retratava ideias contra a opressão e a massificação da educação, abordando os principais problemas do se-

tor e propondo reformas no sistema educacional, como a criação de escolas mistas. Mas as ideias revolucionárias de Cecília Meireles foram recebidas com desconfiança por parte do governo, que passou a persegui-la politicamente, fazendo com que, em 1933, ela abandonasse a *Página da Educação*.

Logo após a sua despedida do *Diário de Notícias*, a autora retomou o ofício jornalístico no periódico *A Nação*, tendo espaço para publicar seus textos desde que eles não tratassem de política. A partir da década de 40 (século XX), Cecília Meireles passou a escrever uma coluna semanal sobre o folclore para o jornal *A Manhã*, até que, em 1950, voltaria para o *Diário de Notícias*, sendo responsável pelo *Suplemento Literário* (seção já comandada por nomes como Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda). Finalmente, em 1960, a autora encerraria a carreira na imprensa na *Folha de São Paulo*, e passaria a escrever, de 1961 a 1963, crônicas que se destinariam aos programas radiofônicos da Rádio Ministério da Educação e Rádio Roquette Pinto.

O resultado do trabalho de Cecília Meireles para o rádio seria a publicação de cinco livros: *Quadrante* (1962), *Quadrante II* (1963), *Escolha seu sonho* (1964), *Vozes da cidade* (1965) e *Inéditos* (1967), republicado em 1982 sob o título *Ilusões do mundo*. As três primeiras obras foram publicadas ainda em vida da autora, com crônicas selecionadas por ela mesma, já os dois últimos são obras editadas e publicadas postumamente. A compilação do trabalho em prosa de Cecília Meireles revelou uma outra faceta até então inexplorada de uma das maiores escritoras da literatura brasileira, além de eternizar os textos cronísticos que, caso não ganhassem uma transformação em livro, provavelmente se perderiam, uma vez que se destinavam a um meio efêmero de comunicação.

As crônicas cecilianas abordam temáticas das mais variadas, indo desde acontecimentos verídicos transpostos para a forma literária, onde detalhes e personagens tidos como insignificantes são concretizados, passando por situações corriqueiras do cotidiano. Veem-se ainda registros históricos da sociedade da época, e personalidades e figuras reais que, por algum motivo, a autora dedica-se a escrever. Nesse âmbito, podemos ler, por exemplo, crônicas que retratam os escritores Victor Hugo, William Faulkner, Mário de Andrade ou, ainda, personagens desconhecidos do grande público, porém marcantes na vida e na infância da autora.

Em outra perspectiva, leem-se textos que retratam cães, gatos, pássaros e a natureza como um todo de forma lúdica e sensível, transformando esses seres em criaturas quase humanas, capazes de emocionar o leitor com suas dores e tristezas. Em suas crônicas, Cecília Meireles ainda nos apresenta um novo Rio de Janeiro, modificado pelas transformações na paisagem, alterando-se a todo instante e, ao mesmo

tempo, perdendo um pouco de sua essência. Vê-se, também, o retrato sagaz dos dilemas enfrentados em sociedade ou na esfera individual.

De maneira geral, a crônica de Cecília Meireles não foge às características intrínsecas do gênero, cultivando uma escrita marcada pela brevidade textual, priorizando um discurso de caráter mais próximo da oralidade, mantendo um diálogo com o leitor e registrando fatos do cotidiano, a autora transforma “trivialidades” em motivo literário. Darcy Damasceno, em apresentação ao livro *Ilusões do mundo*, afirma que a crônica ceciliana “é também uma projeção de sua alma no universo das coisas. Alimenta-se da referencialidade, das coisas concretas, de fatos e situações que envolvem o ser humano em seu comércio diário, mas matiza subjetivamente tudo isso”. (MEIRELES, 1982, p. 10).

A crônica lírica

Pode-se afirmar que o tratamento subjetivo que Cecília Meireles concebe aos temas de suas crônicas evidencia uma vertente já conhecida de sua poesia, transportada para a prosa: o lirismo. A autora submete os temas a uma reflexão poética que os transforma em instantes recheados de subjetividade, nostalgia, sensibilidade. Nesses momentos, a cronista concede um olhar mais poético à realidade, volta-se às suas próprias experiências individuais, rememora passagens de sua vida ou, ainda, analisa os fatos do presente de maneira mais subjetiva. Analisando esses instantes líricos na obra em prosa de Cecília, constata-se que há um hibridismo nos gêneros literários, que a presença do lirismo também se dá na prosa, evidentemente com distinções, mas se mantendo a carga poética, conforme afirmação de Stalloni: “Não é raro, ocasionalmente ou de forma contínua, que uma obra literária em prosa dê mostras, por seu valor musical, estilístico ou lexical, de afinidades com o texto poético.” (2003, p. 168).

Centrando-se no texto cronístico, percebe-se que a prosa poética já foi identificada nessa categoria textual, conforme afirma Moisés: “Quando o caráter literário assume primazia, a crônica deriva para o conto ou poesia, conforme se acentue o aspecto narrativo ou contemplativo.” (1979, p. 250). A crônica seria, então, um tipo de “poesia em prosa”, “prosa poética”, “crônica-poema” ou “crônica lírica”, segundo as várias denominações. Para Del Pino et al. (1980), este tipo de crônica

trata-se daquela que, com ou sem a presença de um possível personagem, é dominada por emoção ou sentimento diretamente expresso pelo autor. Não há propriamente enredo, e o fio condutor da expressão é o sentimento ou a emoção configurados inclusive mediante imagens ou metáforas de natureza poética. Muitas delas [...] poderiam ser identificadas como poemas em prosa. (p. 282).

A crônica poética permite ao autor um desnudamento do *eu*, porém não perde seu caráter cronístico, pois mantém a brevidade, o uso de uma linguagem que, mesmo mais cuidadosa, não se torna rebuscada. Além disso, consegue transformar episódios pessoais em um meio de reflexão maior sobre a realidade, tornando o que antes era algo individual em um assunto comum a qualquer pessoa. O texto cronístico de caráter lírico, também consegue manter a aproximação com o cotidiano do leitor, já que os resultados das experiências individuais do autor se transformam num conjunto de emoções, as quais o leitor também recria e lhes atribui significações. O universo imaginário da crônica-poema permite “suportar as pressões de um mundo convencional e partir para a descoberta de horizontes novos, que são realidade e suas muitas faces novas, visões do real, diferentes daquele único olhar ao qual se está condicionado”. (SÁ, 1987, p. 48-49).

Observa-se essa visão diferenciada do real de que nos fala Sá, em crônicas de Cecília Meireles, tais como, “Compensação”, publicada no livro *Escolha seu sonho*. O texto configura-se como um relato contínuo de alguns desejos do *eu-lírico*, manifestados por meio de um relato sensível e reflexivo. A primeira frase de cada parágrafo do texto caracteriza-se pela repetição do mesmo enunciado: “Hoje eu queria...”, demonstrando que ele abarca a condição de crônica-poema, por se tratar do “desnudamento do eu” visto anteriormente. A partir dessa simples construção, a autora desencadeia pequenas coisas desejadas para o “dia de hoje”, como “abrir um álbum antigo de fotografias, onde não houvesse gente de olhos duros e mãos aduncas”; “ler uns livros que não falem de gente, mas só de bichos, de plantas, de pedras”. (MEIRELES, 2001, p. 12-13).

A crônica em questão consegue unir o tratamento subjetivo de pequenos instantes do cotidiano à proposta de um lirismo reflexivo, que deixa entrever um posicionamento não meramente contemplativo diante da realidade. Mas, conforme afirma Sá (1987),

a pressa de viver desenvolve no cronista uma sensibilidade especial, que o predispõe a captar com maior intensidade os sinais da vida que diariamente deixamos escapar. Sua tarefa, então, consiste em ser o nosso porta-voz, o intérprete aparelhado para nos desenvolver aquilo que a realidade não-gratificante sufocou: a consciência de que o lirismo no mundo de hoje não pode ser a simples expressão de uma dor-de-cotovelo, mas acima de tudo um repensar constante pelas vias da emoção aliada à razão. Esse papel se resume no que chamamos de *lirismo reflexivo*. (p. 12-13).

Em “Compensação”, é-nos apresentado esse lirismo reflexivo praticado por Cecília Meireles, pois, concomitantemente ao momento que somos apresentados ao seu olhar perscrutador, capaz de atentar para a existência sensível de “bons velhotes”,

flores, nuvens, livros que levam por “solidões da natureza”, observa-se também a presença de “parentes sôfregos, ávidos de partilhas [...] todos vivendo já do testamento, antes mesmo da extrema-unção”; vozes humanas que pregam “discursos, boatos, mentiras, calúnias, falsidades”, ou nuvens que, diferentemente de outros seres, não almejam um “emprego público, férias, abono de Natal, montepio, prêmio de loteria, discurso à beira do túmulo, nome em placa de rua, busto no jardim”. (MEIRELES, 2001, p. 113). Ou seja, a autora consegue apreender instantes mágicos da vida, mas também analisa seu lado “feio”, mantendo o lirismo e a sensibilidade em todos os momentos.

Percebe-se ainda que “Compensação” enquadra-se no gênero de crônica-poema (ou lírica) pela própria construção do texto. A repetição da mesma frase em cada parágrafo da crônica (“hoje eu queria”), traz para a prosa um recurso tipicamente poético: o paralelismo, responsável pela ênfase no discurso. Além disso, o próprio texto flui como uma representação direta dos desejos e emoções do *eu-poético*, traduzindo em palavras os sentimentos que os invadem ou, ainda, deixando entrever que há um certo “desabafo” que escancara os recônditos daquele que escreve, como na seguinte passagem:

Hoje eu queria estar entre as nuvens, na velocidade das nuvens, na sua fragilidade, na sua docilidade de serem e deixarem de ser. Livremente. Sem interesse próprio. Confiante. À mercê da vida. [...] (Ó nuvens prodigiosas, criaturas efêmeras que estais tão alto e não pretendeis nada, e sois capazes de obscurecer o sol e de fazer frutificar a terra, e não tendes vaidade nenhuma nem apego a esses acasos!) Hoje eu queria andar lá em cima nas nuvens, com as nuvens, pelas nuvens, para as nuvens... (MEIRELES, 2001, p. 113).

Observa-se, também, uma maior preocupação estilística que abarca um cuidado específico com a linguagem, visto que essa precisa concretizar em palavras a subjetividade presente no tema, todavia, essa preocupação não torna a linguagem rebuscada, o que faria com que o texto perdesse sua característica de crônica. O que se sente é que a escolha de palavras, as imagens poéticas e as metáforas formam um conjunto harmonioso que permite ao leitor *sentir* todas as emoções que a crônica passa, algo difícil de se concretizar se não houvesse tal interação entre as partes constitutivas do texto. Pode-se notar, ainda, que algumas construções, como o uso de parênteses, permitem dar vazão a toda interioridade do *eu*, que, nesses momentos específicos, revela suas inquietações:

Hoje eu queria apenas ver uma flor abrir-se, desmanchar-se, viver sua existência, autêntica, integral, do nascimento à morte, muito breve, sem borboletas nem abelhas de permeio. Uma existência total, no seu mistério. (E antes da flor? – Não sei.) (E depois da flor – Não sei). (MEIRELES, 2001, p. 113).

As últimas frases da crônica “Compensação” demonstram toda a técnica lírica de Cecília Meireles, e resumem bem a essência do texto, visto que mesclam subjetividade a um desejo que qualquer um, preso em sua realidade cotidiana, poderia ter, conforme se vê:

Hoje eu queria estar no deserto amarelo, sem beduíno, camelo ou rebanho de cabras: no puro deserto amarelo onde só reina o vento grandioso que leva tudo, que não precisa nem de água, nem de areia, nem de flor, nem de pedra, nem de gente. O vento solitário que vai para longe de mãos vazias. Hoje eu queria ser esse vento. (2001, p. 13).

Nota-se a forma com que a autora conduz o texto até culminar no ápice dos desejos expressos pelo *eu* que fala ao leitor. A metáfora do vento demonstra a ânsia de transfiguração, de sublimação da existência longe da realidade, uma existência que não almeja a presença “nem de água, nem de areia, nem de flor, nem de pedra, nem de gente”. O fragmento em questão, traz à tona recursos que tipicamente são usuais na poética cecilianiana, visto que nela “a vida é sempre encarada como sonho, nesse jogo do material com o espiritual, expresso em símbolos que buscam e atingem uma essência profunda de cunho transcendente”. (AZEVEDO FILHO, 1970, p. 43). Nesse caso especificamente, o símbolo de maior significância é o vento, que, para a voz poética, resume todos os desejos daquele dia, visto que a metáfora do vento pode representar a liberdade, a solidão e a renúncia à materialidade em vista de uma sublimação do espírito.

Percebe-se que muitas das crônicas cecilianas, tais como, “Compensação”, caracterizam-se como uma “extensão” em prosa do estilo poético da autora. Conforme afirma Azevedo Filho (1970), quanto à poesia de Cecília, vê-se que

em todos os seus poemas, a essência profunda é atingida, num jogo de contrastes entre o sensível e o abstrato, numa poesia construída musicalmente. [...] Lançado o tema inicial, dele não se afasta até o fim, numa espécie de ordenação estética que nada tem a ver com o substrato lógico. Parte normalmente do material para o imaterial, num desapego gradativo às coisas terrenas, até conseguir a transcendência dos símbolos. (p. 38-39).

Das características apontadas pelo crítico no tocante aos poemas de Cecília Meireles, pode-se observar, na crônica analisada, os contrastes entre o “sensível e o abstrato”, já que elementos reais mesclam-se às metáforas e aos símbolos. Vê-se, também, a mesma insistência no “tema inicial”, que, durante todo o texto em prosa, gira em torno dos acontecimentos sonhados para um dia quase perfeito, com o qual se fosse compensado por todas as experiências ruins às quais se está submetido. Por fim, ainda, nota-se esse processo de transição do material para o imaterial, visto que nos três primeiros parágrafos a autora trata de eventos pautados numa realidade mais objetiva, para, nos três últimos parágrafos, tratar o tema de

forma mais subjetiva e simbólica, almejando uma maior significação através das figuras de que dispõe.

De maneira geral, “Compensação” apresenta muitas das características da escrita lírica de Cecília Meireles. Além de o tema central ser de caráter subjetivo, observa-se que a autora lança mão, no texto em prosa, de algumas de suas figuras mais caras na poética, tais como as flores, o vento, e as nuvens. A “pastora das nuvens” (vê-se a importância que tal elemento possuía), como nomeou-se, não hesita em transpor para a crônica objetos de grande significância em suas poesias. Cecília soube manter em sua obra cronística o mesmo ritmo quase musical de seus poemas, o mesmo zelo pela linguagem, mas que não lhe tirava o caráter prosaico, e soube, além de tudo, transpor para a realidade cotidiana, de que a crônica trata, o lirismo de temas casuais.

A crônica-poema ceciliana demonstra toda a sensibilidade da autora já evidenciada em sua poética e transposta para a prosa com a mesma intensidade. Conforme afirma Baldan, o ofício de Cecília Meireles era “inventariar as coisas do mundo, saboreando-as, adivinhando-lhes o cheiro, o peso, a textura, o som, descrevendo-as com lirismo e apuro: eis a Cecília Meireles nas poesias e nas crônicas”. (2002, p. 130).

A crônica crítica

Após se evidenciarem as características da crônica de essência lírica praticada por Cecília Meireles, faz-se necessário abordar o outro lado complementar de sua produção cronística, caracterizada pela crítica sagaz, pela ironia, pela reflexão acerca dos acontecimentos que lhe provocavam surpresa, revolta ou indignação. Os textos cecilianos de caráter mais crítico e sarcástico revelam uma autora que, durante toda sua carreira, manteve-se engajada com os acontecimentos de sua época, praticando um jornalismo político pautado por severas críticas ao governo de Getúlio Vargas, chamado por ela de “Sr. Ditador”. Cecília também combateu uma educação que se firmava cada vez mais em seu caráter opressor e, com isso, indignou-se, inclusive, com a Igreja Católica, já que lutou contra o ensino religioso obrigatório nas escolas. (LAMEGO, 1996, p. 20).

Cecília preocupou-se em retratar os problemas enfrentados pela sociedade em todas as suas esferas, defendendo seus ideais e as causas em que acreditava, porém ainda não obteve o reconhecimento merecido dessa sua importante contribuição literária e social. Como afirma Lamego: “A crítica literária convencional repisou, nos últimos trinta anos, uma leitura equivocada e parcial da trajetória da intelectual e da poetisa Cecília Meireles” (1996, p. 116) ou, ainda, conforme Moraes, “se a história

da literatura desconhece a Cecília Meireles da luta política, desconhece também a que sofreu perseguições da censura Vargas, dos católicos e em concursos literários”. (2003, s/p.).

A cronista que soube tão bem desnudar os instantes poéticos presentes no cotidiano, também conseguiu com igual maestria revelar as situações vividas em sociedade. É com humor inteligente, com uma leveza no discurso, que Cecília conduz a uma reflexão crítica, mantendo um *diálogo* fluído com o leitor e o levando a redimensionar a realidade com um olhar mais profundo, o que seria a missão do cronista como evidencia Lopez (1992):

Fica explicado então: o cronista deve se escorar na verdade – no fato, no acontecido – e deve escrever “coisas leves”, isto é, o texto que conversa com o leitor sobre algo que se deu, de que ele, leitor, já tomou conhecimento, ou toma através das impressões, do ponto de vista de quem está escrevendo. (p. 184).

As crônicas cecilianas de essência mais crítica abrangem uma diversidade de assuntos, que passam pelas objeções a determinados fatores da política, do governo e da educação, até o tratamento de situações cotidianas, de experiências vividas por qualquer um em sua realidade diária. A autora traz à tona, em seus textos, temas como as desvantagens do progresso, que causa prejuízos para a natureza destruindo fauna e flora, e que ainda modifica constantemente as relações interpessoais, já que, com o aumento das cidades e habitantes, as pessoas se afastam e mantêm apenas contatos superficiais entre si. Em muitas de suas crônicas, Cecília Meireles questiona-se sobre qual é a verdadeira contribuição da modernização, que altera os bairros e as casas, que provoca mudanças nas pessoas e em seus hábitos, e destrói muitos dos costumes, que passam a ser vistos como *ultrapassados*.

Ainda são visíveis críticas quanto às dificuldades vividas em sociedade como o aumento do preço de alimentos e remédios, e o custo de vida cada vez mais exorbitante em todos os setores. A autora retrata, também, alguns *tipos*, com os quais se têm que conviver, como os mentirosos, os “posudos”, os ignorantes ou os pretensos sábios, conseguindo, dessa forma, captar um vasto panorama da sociedade, escancarando ao leitor os diferentes personagens e situações que compõem a realidade cotidiana.

Um exemplo de texto que foge ao lirismo ceciliano e revela um outro lado da autora é a crônica “Aberrações do Número”, publicada no livro *Escolha seu sonho*. Na presente crônica, Cecília Meireles parte das reminiscências de um passado no qual as pessoas travavam relações mais próximas para um presente em que, por serem tantos, ninguém mais se conhece ou tenta ser amistoso com os demais e, a partir

desse eixo temático central, acaba analisando outros aspectos dessa vivência imperada por *números* e não mais por pessoas.

Não precisa ser um Matusalém para saber que houve um tempo em que nesta heróica e leal cidade todos nos conhecíamos. Dizíamos adeusinho uns aos outros, de calçada para calçada; às vezes até recomendávamos com muito carinho: “Vá pela sombra! Deus o acompanhe! Vá devagarinho: olhe que devagar se vai longe! Quem corre cansa, quem espera sempre alcança!...” Como era bonito o Rio, naquele tempo! Até parecia a Ilha do Nanja!⁴ (MEIRELES, 2001, p. 103).

O trecho transcrito anteriormente trata-se do primeiro parágrafo da crônica em questão. Observa-se que, apesar de se rememorem os bons tempos onde se dizia “adeusinho uns aos outros”, o tom do discurso textual não deixa entrever melancolia por um passado que não existe mais, mas aparenta tratar-se de alguém que lembra com saudades, mas também com bom humor desses áureos tempos. Com frases como “Não precisa ser um Matusalém”, “Até parecia a Ilha do Nanja!”, ou com as próprias recomendações “Devagar se vai longe”, “Quem corre cansa, quem espera sempre alcança!...”, a autora, apesar do ressentimento pelo modo de o agir das pessoas ter mudado tanto, mantém um ar leve e descontraído no texto.

Como afirmado anteriormente, Cecília Meireles utiliza-se desse tema principal para fazer outras reflexões acerca das vantagens de uma cidade com ritmo de crescimento menor (como era o Rio de Janeiro do texto, anos atrás) e no cenário atual no qual a população e os problemas aumentam cada vez mais. Dessa forma, ela lembra que

todos se conheciam naquele tempo: de modo que já se sabia quem era ladrão ou bêbado. E não havia outros defeitos além desses. Falava-se de “ladrão de casaca”, um tipo de fazer sonhar as crianças, de se incorporar ao Folclore ou à Mitologia ao lado de Mefistófeles, Barba Azul, o Saci-Pererê... enfim, entidades simbólicas mas inverossímeis. (Alguns dos senhores já avistou um ladrão de casaca?) (2001, p. 103).

Vê-se que, no passado, os problemas (se existissem) eram menos preocupantes, menos difíceis de serem resolvidos, estavam no âmbito dos ladrões, bêbados, ou do “ladrão de casaca”, os elementos mais próximos de algo violento que se tinha na época. Observa-se, ainda, nessa passagem, uma característica inerente à crônica – o diálogo com o leitor – visto que a autora dirige-se a ele para questionar se alguém já havia tido um encontro com o “ladrão de casaca”.

4 A “Ilha do Nanja” trata-se de um lugar fictício criado pela autora, aparecendo em sua obra como o melhor exemplo de local “paradisiaco”.

À parte essa época saudosa, constata-se que é impossível conhecer todos os concidadãos, devido, em parte, às “filas e filas... para o bonde, para o ônibus, para o refresco, para os remédios, para o cinema, para o circo” ou, ainda, devido à campanha de incentivo à dramaturgia, já que “desde que se pôs em circulação o amável convite: “Vamos ao teatro?” São tudo convites circulando: “Vamos à praia? Vamos bater um papo? Vamos receber dinheiro? Vamos fazer um abaixo-assinado? Vamos fazer greve? Vamos caçar papagaios?” (MEIRELES, 2001, p. 103-104). Observa-se aqui a ironia cecilianiana com relação ao convite feito aos cidadãos para que frequentassem mais o teatro e que acabou estendendo-se às áreas mais inusitadas, e que eram, segundo Cecília Meireles, atendidos por milhares ou milhões, “já que somos o povo mais amável do planeta e capazes de sacrifícios jamais descritos”. Como notado, a crônica preserva um ar “zombeteiro” durante todo o tempo, brincando com as situações cotidianas como os convites espalhados pela cidade ou, ainda, o pronto atendimento do povo a todos eles, devido à sua essência “amável”.

O texto prossegue com seu ar que mescla uma crítica inteligente e um bom humor que lhe torna leve. Isso se evidencia em momentos como na justificativa de que, por haver tantas pessoas na cidade, não se ouve mais coisas como “muito obrigado” ou, ainda, o fato de que a população cresceu rapidamente e em tão grande quantidade, que não puderam ter suas necessidades satisfeitas no mesmo ritmo, criando-se, assim, uma situação díspar. É o que se constata no seguinte trecho: “Oh! esta querida cidade!... Como cresceu de repente! Como tudo se multiplicou? Tudo? Não, nem tudo. Como ficamos sendo tantos, pela aberração do número, tudo começou a faltar, nessa divisão fatal a que fomos submetidos.” (MEIRELES, 2001, p. 104).

A crônica ainda oferece momentos em que Cecília Meireles (2001) “alfineta” o comportamento de seus contemporâneos, evidenciando a soberba e a pretensão nas atitudes de muitos:

Uma pessoa dizia uma graça, antigamente, e aquilo ficava no arquivo da família: havia uma risada garantida para todos os seus descendentes. Uma risada particular, privativa, assinada, com certos direitos autorais. Hoje, que somos todos tão inteligentes, tão engraçados, que dizemos coisas tão sensacionais, ninguém dá importância à nossa verve. Nem mesmo à verve profissional, que é tão boa ou melhor que a estrangeira, como a maioria dos nossos produtos. (p. 104).

Observa-se que se mantém o contraponto entre a realidade de *antigamente* e de *hoje*, ressaltando-se as vantagens de outrora. Permanece também a ironia que permeia quase toda a crônica, e que se torna clara nesta passagem em frases como: “Hoje, que somos todos tão inteligentes, tão engraçados que dizemos coisas tão

sensacionais”. A autora ainda aproveita o ensejo para desferir uma sutil crítica ao enaltecimento dos profissionais e produtos estrangeiros e a consequente desvalorização da produção nacional.

O parágrafo final de “Aberrações do Número” encerra a crônica de maneira a sustentar a ironia e a criticidade que se constatou ao longo do texto, ressaltando a sagacidade com que Cecília Meireles (2001) observava o comportamento das pessoas na sociedade:

São as aberrações do número! É a nossa inflação... Eu cheguei a ouvir todas as bênçãos e agradecimentos por uma esmola de *viném*! Se os senhores hoje derem uma esmola de quinhentos cruzeiros alguém faz caso? Alguém pede que Deus lhes aumente? Alguém chama o mesmo Deus, Nossa Senhora, Santo Antônio, os anjos, arcanjos, querubins e serafins para que os protejam na vida e na morte? Não – porque esmola não é coisa que se dê: todos querem ser funcionários do Governo! (Mas em recesso remunerado...) (p. 14).

É possível perceber o quanto as “aberrações do número” modificaram a própria índole de alguns, pois, anteriormente, uma “esmola de *viném*” despertava, naquele que a recebia, gestos de agradecimento e pedidos de bênçãos. Já no período retratado pela autora, nem mesmo uma esmola de quinhentos cruzeiros geraria comoção ou enternecimento capaz de fazer com que o “agraciado” rogasse pela proteção do doador. Agora, ninguém mais se contenta com simples esmolos, o maior desejo de todos é um emprego como funcionário do governo, usufruindo todos os benefícios que tal cargo poderia proporcionar, sobretudo o de “trabalhar” estando em permanente recesso remunerado.

O texto cronístico apresentado pauta-se, principalmente, pela ironia, sagacidade e crítica com que Cecília Meireles consegue apreender a realidade à sua volta, transformando a temática do *passado* em detrimento do *presente*, que facilmente poderia assumir certo tom lírico, como pretexto para desmascarar alguns dos aspectos da sociedade contemporânea de sua época. Vê-se que a escritora consegue rememorar o passado, evidenciando a saudade desse tempo que já se foi, mas não transforma esse assunto em seu tema principal, posto que consegue mesclar o saudosismo a uma exposição bem-humorada da realidade e de seus problemas.

É possível entrever que dentre as muitas características responsáveis pela versatilidade do discurso ceciliano destaca-se a ironia, visível em muitas das passagens de “Aberrações do Número”. Pode-se afirmar que é através desse recurso que a leitura do texto assume novas e diferentes significações, proporcionando ao leitor o prazer de redimensionar aquilo que está escrito, na tentativa de captar o verdadeiro discur-

so que se esconde atrás do irônico. Observa-se que a ironia de Cecília Meireles não se volta a uma categoria ou existência individual, mas procura analisar toda a realidade do momento vivido, explorando o panorama cotidiano que se lhe apresentava. Dessa forma, o discurso irônico ceciliano corresponderia à “função” que Kierkegaard (1991) atribuiu a tal figura, já que para ele

a ironia [...] não se dirige contra este ou aquele existente individual, ela se dirige contra toda a realidade dada em uma certa época e sob certas condições. Ela comporta, por isso, uma aprioridade em si, não é aniquilando sucessivamente um pedaço da realidade após outro que ela alcança a sua visão de conjunto, mas sim, é por força desta visão de totalidade que ela leva a cabo sua destruição no interior individual. Não é este ou aquele fenômeno, mas é a totalidade da existência que é observada sub specie ironiae (sob a categoria da ironia). (p. 221-222).

A crônica analisada evidencia muitos dos pontos encontrados no estilo mais *crítico* de Cecília Meireles, tais como, a ironia, a criticidade, a temática que escapa do *eu* e observa o externo, a sagacidade ou o bom humor; percebe-se, ainda, que todos esses elementos são agregados de forma a se manter o discurso leve e fluído já característico do gênero crônica. Apesar da *despretensão* que permeia os textos crônísticos, vê-se que é possível instigar no leitor uma reflexão mais profunda. A exemplo de “Aberrações do Número”, ainda que de forma divertida e leve, o texto revela situações às quais não se consegue ficar indiferente, sendo viável ao leitor de qualquer época identificar-se com algum ponto da realidade retratada.

Dessa forma, é por meio do gênero literário, que se atinge aquilo que, para Sartre, era a função do escritor: “Fazer com que ninguém possa ignorar o mundo e considerar-se inocente diante dele.” (1989, p. 21), ou seja, a literatura (e a crônica em particular), com o retrato de situações reais da vida do leitor, permite uma renovação constante de como se observa o mundo, uma reflexão sobre a postura que se assume diante dos fatos e a possibilidade constante de “desautomatização” da maneira como se compreende a realidade.

Considerações finais

Após uma breve incursão nos momentos decisivos de formação da crônica, como gênero literário, observou-se o processo de evolução sofrido pelo texto crônístico. Passando por seu surgimento atado a um viés historicista, o desenvolvimento literário do gênero, até a produção nacional. Nesse quesito, destacaram-se autores nacionais como Machado de Assis, Lima Barreto, João do Rio, entre outros, que ajudaram

na ascensão e difusão do novo gênero literário. Evidenciou-se, também, a falta de referências no tocante à crônica escrita por mulheres, havendo um “hiato” no que diz respeito à contribuição de autoras nessa esfera.

Dentre outras escritoras que praticaram o exercício cronístico, na maioria das vezes, concomitantemente ao ofício jornalístico, destaca-se Cecília Meireles. A autora atuou na imprensa diária com a “concentração de uma mestra exemplar” como refere Ayala. (1994, p. 11). Sua passagem por diferentes periódicos e programas radiofônicos nas décadas de 30 a 60 (do século XX), resultou numa coletânea de textos das mais variadas temáticas e que, segundo Ayala, “estão por aí, e o garimpo, aberto”. (1994, p. 11).

Do estudo da crônica ceciliana fica a constatação de se ter descoberto uma outra face da autora, de certa forma oposta àquela já conhecida. A poeta Cecília Meireles, vinculada ao Modernismo, foi, muitas vezes, criticada por sua falta de engajamento com o movimento em plena efervescência, sendo, ainda hoje, apontada por alguns críticos como uma “figura solitária, cuja poesia paira acima do drama contemporâneo e, assim, não se insere no momento histórico”. (BRITO apud LAMEGO, 1996, p. 41). Já a cronista Cecília Meireles revela-se uma autora que soube unir as duas faces de sua obra: o lirismo, a subjetividade, e a crítica à sociedade e situações de sua época.

Ao se analisar, ainda que por fragmentos, dois exemplos da crônica ceciliana, fica nítida a confluência de temáticas e estilos diferentes, que tornam ainda mais rica a criação prosástica da autora. Suas crônicas de caráter mais lírico trazem à tona a sensibilidade, a riqueza de imagens, e o cuidado estilístico já perceptíveis em sua poesia. Por outro lado, as crônicas críticas apresentam uma autora consciente da diversidade de situações e dos muitos percalços enfrentados diariamente, mostrando, também, uma Cecília irônica, mordaz, corajosa na defesa de seus posicionamentos.

A obra em prosa de Cecília Meireles ainda carece de um maior reconhecimento pela crítica e de uma maior abrangência investigativa, que ajude a revelar a outra face da poetisa já tão cara à literatura brasileira. Conforme afirma Lamego,

não há dúvida que essa face e fase política⁵ de Cecília Meireles foi eclipsada pela sua obra literária, que divulgou a língua portuguesa em países distantes como a Índia, Israel, Goa, Porto Rico, dentre outros. Um “eclipse” perpetuado pela crítica tradicional que não buscou uma leitura mais abrangente da obra da poetisa. (1996, p. 113).

5 A autora refere-se à atuação de Cecília Meireles em *Página da Educação*, na década de 30 (séc. XX).

As crônicas cecilianas deixam entrever uma diversidade ainda não valorizada pela crítica, pois se a poesia revela a riqueza de uma autora que atingiu plenamente a perfeição estética e temática, as crônicas, por sua vez, revelam um olhar que soube captar com a mesma perfeição a singularidade das situações cotidianas. A prosa de Cecília Meireles consegue também captar a essência crítica, consciente, perscrutadora, de uma autora engajada com a realidade de sua época.

Cecília Meireles afirma em uma crônica publicada em 1932: “Por mim, só tenho, sem discussão, a consciência da responsabilidade, o desejo da ação e uma confiança perfeita no poder da vontade desinteressada.” (Apud LAMEGO, 1996, p. 196). É essa a essência ceciliana, capaz de conciliar com maestria a alma sensibílimsima de poetisa, que beira o metafísico, e a escritora consciente de sua posição em face do mundo e das contribuições que sua literatura poderia oferecer para um “desnudamento” da realidade circundante.

Referências

- AYALA, Waldir. Introdução. In: _____. *Poesia completa de Cecília Meireles*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 11-15.
- AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. *Poesia e estilo de Cecília Meireles*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1970.
- BALDAN, Ude. Uma crônica, apenas. *Revista de Letras: Centenário de Cecília Meireles e Murilo Mendes*. São Paulo: Unesp, 2002, p. 129-138.
- CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antonio. et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. São Paulo: Fundação Casa Rui Barbosa; Unicamp, 1992. p. 13-22.
- COELHO, Nelly Novaes. Tendências atuais da literatura feminina no Brasil. In: _____. et al. *Feminino singular*. São Paulo: GRD, 1989. p. 4-13.
- COUTO, Ivette Sanches do. As cartas de Iracema. In: CANDIDO, Antonio et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. São Paulo: Fundação Casa Rui Barbosa; Unicamp, 1992. p. 235-242.
- DEL PINO, Dino; MARTINS, Dileta Silveira; ZILBERKNOP, Líbia Scliar. *Introdução didática à literatura brasileira*. Porto Alegre: Redacta, 1980.
- KIERKEGAARD, Aabye Søren. *O conceito de ironia: constantemente referido a Sócrates*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- KONZEN, P. C. *Ensaio sobre a arte da palavra*. Cascavel: Edunioeste, 2002.
- LAMEGO, Valéria. *A farpa na lira: Cecília Meireles na Revolução de 30*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

LOPEZ, Telê Porto de Ancona. A crônica de Mário de Andrade: impressões que historiam. In: CANDIDO, Antonio et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. São Paulo: Fundação Casa Rui Barbosa; Ed. da Unicamp, 1992. p. 165-188.

MEIRELES, Cecília. *Escolha seu sonho*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. *Ilusões do mundo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária: prosa*. São Paulo: Melhoramentos, 1979.

MORAES, Cladesmari Zambon de. *Liberdade e resistência em Cecília Meireles*. 2003. Disponível em: <<http://www.monografias.com/trabalhos/liberdade-resistencia-cecilia-meireles.html>>. Acesso em: 25 maio 2007.

SÁ, Jorge de. *A Crônica*. São Paulo: Ática, 1987.

SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?* São Paulo: Ática, 1989.

SILVA, Vitor Manuel de Aguiar. *Teoria da literatura*. Coimbra: Almedina, 1983.

STALLONI, Yves. *Os gêneros literários*. Rio de Janeiro: Difel, 2003.